

IV ENCONTRO SINDICAL NACIONAL



BASE

Frente Unitária de Trabalhadores



RENOVAR O SINDICALISMO

Fundação Cuidar o Futuro

**INTENSIFICAR E APROFUNDAR
A ACÇÃO SINDICAL
NO LOCAL DE TRABALHO**

COMUNICADO FINAL

4. - Delegados oriundos do Continente e das Regiões Autónomas, comprometidos na acção sindical, e representando posições dos que nas respectivas regiões têm actuação idêntica, estiveram reunidos no Porto, na Faculdade de Engenharia, nos dias 28 e 29 de Junho, no IV Encontro Sindical Nacional da BASE-Frente Unitária de Trabalhadores.

O Encontro teve por lema "Renovar o Sindicalismo - construir o Socialismo Autogestionário", revendo e aprofundando o avanço da linha sindical autónoma que visa a construção de um sindicalismo de base, de mascas e de classe.

Para concretizar os objectivos do Encontro, os delegados presentes procederam à análise do momento político-sindical. A partir de monografias previamente elaboradas, debruçaram-se sobre a actuação sindical nos locais de trabalho, nos sindicatos e nas estruturas intermédias, com o objectivo de, a partir da realidade, encontrarem os fundamentos que lhes permitissem pensar a acção sindical para os anos oitenta. Es-tabeleceram um plano de actuação para o "Sector de Intervenção Sindical" da BASE-FUT e debateram actua-ções ligadas à luta pela autonomia sindical no plano nacional e no plano internacional.

INTENSIFICAR A LUTA CONTRA O PATRONATO E O GOVERNO AD

2. - Os objectivos imediatos do Movimento Sindical desdobram-se neste momento em duas grandes frentes: a luta contra um patronato apostado na acumulação de capitais à custa de salários baixos e empenhado em retirar outros direitos aos trabalhadores, distinguindo-se neste patronato as grandes multinacionais que se instalam em Portugal como objectivo de explorar a



mão-de-obra barata; a luta, por outro lado, contra o Governo AD, um Governo decidido a colocar o aparelho do Estado ao serviço do patronato e das forças mais reaccionárias, autorizando despedimentos colectivos, agravando o custo de vida, intrometendo-se no Movimento Sindical como recentemente aconteceu ao retirar à CGTP a representação dos trabalhadores portugueses na Organização Internacional do Trabalho, manipulando a comunicação social e as instituições culturais dependentes do Estado, colocando, na prática, o Estado Português como súbdito fiel das burguesias europeia e norte-americana, na linha das piores tradições do século passado, quando a burguesia portuguesa, parasita, incompetente e incapaz, se arrojava aos pés da Inglaterra imperial, a troco de alguns potes de libras. Um Governo que utiliza a contestada ainda que provável integração de Portugal na Comunidade Económica Europeia para subordinar a vontade do povo português a uma comunidade em crise, apresentando a integração como a panaceia que irá resolver todos os problemas do país e dos trabalhadores. Finalmente, um Governo que recorre à agressão física e ao roubo dos trabalhadores agrícolas da zona da Reforma Agrária: chegando até a cometer ilegalidades, apesar da existência de uma lei agrária já de si injusta e que, mesmo aplicada com rigor, justificaria a resistência pacífica e organizada e a desobediência civil.

3. - A resposta do Movimento Sindical Unitário a esta situação tem sido insuficiente, apesar de se considerarem correctas as acções desenvolvidas. Os trabalhadores vêm desencadeando greves e acções de protesto, as quais exercem uma evidente acção de desgaste sobre o patronato e o Governo. Assiste-se sem dúvida ao maior surto grevista do após 25 de Abril que tem atingido sectores tão fundamentais como os transportes, pescas, metalurgia, química, função pública, CTT e empresas da comunicação social. Realça-se o facto de

muitas greves terem ultrapassado objectivos meramente economicistas, o que representa um salto qualitativo que é de assinalar. Por outro lado, desenvolveram-se manifestações de envergadura chegando-se a atingir expressões de unidade exemplares, como aconteceu na manifestação contra a política de comunicação social do Governo AD, convocada pela União dos Sindicatos de Lisboa e a Cintura Industrial.

O IV Encontro Sindical da BASE-FUT saúda estas iniciativas e congratula-se com elas. No entanto, afirma a necessidade de a CGTP indicar claramente a sua disposição de encarar acções mais duras, e o avanço para fases mais adiantadas de luta. Este Governo não pode convencer-se que tomou o seu ducho de contestação sindical e não se afogou, é necessário que fique claro que as greves prolongadas e verdadeiramente perturbadoras de sistemas económicos injustos podem ser desencadeadas se necessário, e que, a própria greve geral não é uma figura de retórica ou um ornamento histórico.

Fundação Cuidar o Futuro

Tem-se consciência que o endurecimento das lutas implicará profundas alterações estruturais e de orientação no Movimento Sindical, mas é exactamente para aí que aponta o esforço dos militantes defensores de um sindicalismo de base, de massas e de classe, onde quer que se encontrem.

Entende-se ainda que o Movimento Sindical deve apresentar grandes reivindicações nos domínios económico, social, cultural e político, defendendo nomeadamente que a economia deve estar ao serviço das populações, satisfazendo as necessidades básicas do povo português.

DESENVOLVER A PARTICIPAÇÃO DAS BASES NA CGTP E DERROTAR A UGT

1. - A CGTP-IN, continua a ser a grande força organizada dos trabalhadores portugueses, a sua central histórica, única, verdadeiramente representativa. O IV Encon



tro Sindical Nacional da BASE-FUT saúda-a e os seus participantes declaram-se dispostos a continuar o apoio que vem mantendo desde o tempo da clandestinidade. Esse apoio não é incondicional porque não exclui, antes implica, críticas e reparos, sugestões e a apresentação de propostas alternativas. Os militantes da BASE-FUT e muitos outros sindicalistas defensores do socialismo autogestionário pugnam por uma linha sindical diversa da dominante na CGTP, o que não implica quebra de unidade, mas pressupõe a intervenção crítica e, quando necessária, a oposição declarada.

No entanto, nunca as atitudes de crítica ou oposição se podem confundir com actuações fraccionistas ou simpatia pela criação artificial e por isso mesmo estranha aos grandes interesses dos trabalhadores portugueses, que é a UGT - União Geral de Trabalhadores. Sob a capa do sindicalismo democrático a UGT não passa de um arranjo de estados maiores partidários, correia de transmissão de interesses do capitalismo internacional. A UGT é, entre nós, uma experiência que representa o sindicalismo mais retrógrado da Europa e do Ocidente em geral, em nada representando, antes contrariando, o sindicalismo progressista praticado pela UGT espanhola de quem copiou o símbolo, ou da central francesa autogestionária, a CFDT, e até da CISL (Confederação Italiana de Sindicatos). Como exemplo da "nova prática" que a UGT quer introduzir entre nós aponta-se o Congresso do SITESE, realizado há semanas nas instalações da "Voz do Operário" que ficará certamente na história do Movimento Sindical como o congresso mais anti-democrático até agora realizado.

5. - Os participantes do IV Encontro Sindical Nacional da BASE-FUT entendem que é no interior da CGTP-IN que se deve procurar e encontrar as políticas sindicais que

garantam e aprofundam a unidade dos trabalhadores portugueses. Concluem que a linha maioritária na CGTP-IN, geralmente conotada com o PCP, deve contribuir para o aprofundamento da democraticidade interna, para o desenvolvimento da participação das bases e apoiar declaradamente os esforços conducentes à unidade dos trabalhadores nos sindicatos de base e nas empresas, mesmo quando os trabalhadores entendem trilhar caminhos que a essa corrente pareçam não ser os que mais interessam à confederação, como recentemente aconteceu com o caso do Sindicato dos Jornalistas.

Os participantes ao IV Encontro Sindical Nacional da BASE-FUT concluem que a CGTP-IN não tem seguido uma actuação correcta a nível empresarial, permitindo que as estruturas sindicais de base (praticamente inexistentes porque se limitam a pequenos grupos delegados, muitas vezes sem ligação entre si) não atinjam organização e prestígio, sendo suplantados pelos núcleos e células partidárias que se apresentam como os verdadeiros e autênticos concorrentes às eleições para as Comissões de Trabalhadores e, na sequência deste processo, influenciam por vezes decisivamente os actos eleitorais para os órgãos directivos dos sindicatos.

Esta fraqueza de base tem sido um caminho fácil para a particularização sindical, completada com a lamentável imagem de dirigentes sindicais que se apresentam integrando listas partidárias em eleições legislativas, o que não devia acontecer, pelo menos em acumulação com cargos sindicais.

Verificamos ainda que a CGTP não tem uma orientação definida e consequente que conduza a uma presença permanente e organizada no interior dos sindicatos dominados pela UGT, o que leva apenas a intervenções esporádicas nos períodos eleitorais, nem sempre organizadas a partir de processos correctos.

REFORÇAR A LUTA PELA AUTONOMIA SINDICAL



6.- A inexistência de um trabalho sistemático de formação sindical é outro ponto que é necessário, na CGTP-IN, dar atenção e prioridade. A formação sindical não deve estar dependente da existência de um edifício escolar mas de políticas definidas para este domínio, de programas que possam ser discutidos e assumidos pelas bases, para que a formação sindical não constitua uma via de imposição de modelo ideológico defendido pela corrente majoritária, mas antes resulte da correspondência aos problemas concretos e reais dos trabalhadores e da sociedade em que vivemos. A esta participação dos activistas sindicais no domínio de formação entendemos que deve ser dada uma perspectiva cultural, para que o sindicalismo praticado no interior da CGTP possua horizontes mais vastos que os meramente economicistas.

Salienta-se ainda o apagamento a que a Confederação tem votado a actividade social, as lutas por direitos concernentes à saúde, ao correcto aproveitamento dos tempos livres, ao turismo social e ao desporto. Reparámos que sobre tudo isto se passam meses sem uma palavra de referência nos comunicados da Confederação que assim aparece como organização nervosa dominada pelo imediatismo da actualidade politico-social e, de tempos a tempos, entregue a problemas de organização.

7.- A linha sindical por nós defendida, que em síntese se traduz na construção de um sindicalismo de base, de massas e de classe; sindicalismo que no plano teórico e prático, deve ser realmente autónomo dos partidos e de outras organizações exteriores ao Movimento Sindical, autonomia a ser especialmente acutelada relativamente aos partidos que têm nos seus quadros uma grande quantidade de dirigentes sindicais porque, por definição, um sindicato não pode ser "correia de transmissão" de quem está fora dele. Neste sentido afirmamos e reafirmamos

que no interior da CGTP a autonomia da Central deve ser acautelada relativamente ao PCP, detendo-se a Central de meios e centros de decisão participados que contrariem, pelo seu funcionamento, quaisquer hipóteses de controlo daquele ou doutro partido.

A linha que defendemos é coincidente, digamos mesmo idêntica, à de outros activistas sindicais que se batem no interior de CGTP. Acreditamos que ela encontra receptividade em muitos milhares de trabalhadores, que não pode ser ignorada e que não será ignorada. Com o objectivo de a reforçar, a alargar e a aprofundar, o Sector de Intervenção Sindical da BASE-FUT, desencadeará um conjunto de acções de formação, reflexão e apoio à lutas concretas.

Este programa será oportunamente divulgado.

Fundação Cuidar o Futuro

Porto, 29 de Junho de 1980



CULTURAL • IDEOLÓGICO • POLÍTICO